

POLÍTICA ECONÔMICA

Empresários não levam a sério ameaças de controle de preços

Consultor diz que todo mundo sabe que o governo não tem estrutura para fiscalização

WANISE FERREIRA

O presidente Itamar Franco pode se dar por contente. Não é todo governo que consegue insinuar por diversas vezes a possibilidade de preços novamente controlados sem causar uma reação nervosa no mercado, com corridas por tabelas novas e preços defensivos. "O empresário tem consciência de que para um controle efetivo o governo precisa de pelo menos dois anos para montar uma estrutura adequada", diz Alberto Mathias, da consultoria Austin Asis.

Para Gil Pace, da GPC Consultoria, o movimento preventivo ocorreu em setembro e outubro e de lá para cá os agentes econômicos trabalharam com uma "gordura" nos preços. "O que pode acontecer agora é acabarem as promoções da indústria", ressalta.

Mas, se os preços não subiram como o previsto logo após as declarações de membros do governo sobre controle de preços, a indexação da economia continua mantendo a inflação em níveis altos. Com algumas surpresas ruins para o consumidor, como a coleção outono-inverno de vestuário.

"O preço estará nas alturas e vai afetar os índices de inflação de abril e maio", afirma Pace. Segundo o presidente do Sindicato do Comércio Atacadista de Tecidos e Vestuário,

Jorge Hamuche, os preços dos produtos da cadeia têxtil já vêm subindo de 10% a 15% acima da inflação. Para abril, a expectativa é de que as mercadorias cheguem às lojas com preços até 14% acima do que aponta a tendência de alta do custo de vida.

Se depender dos supermercados, não haverá margem para remarcação preventiva nem repique inflacionário. O principal motivo é a guerra de preços na concorrência, segundo o vice-presidente da Associação Paulista de Supermercados (Apas), Firmino Rodrigues Alves. Acirraram esse quadro as recentes inaugurações como a do Hipermercado Extra, do Grupo Pão de Açúcar, na Via Anhangüera, e também do Cândia, na Zona Norte.

"Estamos vendendo determinados produtos, que chamam pessoas para a loja, por até 25% abaixo do custo", observa. São, em geral, produtos básicos, como arroz, feijão, óleo de soja e até cerveja, cujas promoções atraem o público masculino. Alves diz ainda que a indústria, por sua vez, manteve reajustes médios de 27% em março e esse mês já acenou com reajustes de até 29%. No caso dos alimentos, os aumentos devem ficar por volta de 27%. Na área de higiene e limpeza, em 28,5%.

Perfil do tigre

(1992)

PIB	US\$ 210 bilhões
Renda per capita	US\$ 10,215 mil
Reservas internacionais	US\$ 82 milhões
Taxa de desemprego	1,5%
População	20 milhões
Superávit comercial (mundial)	US\$ 9,5 bilhões
Exportações	US\$ 81,8 bilhões
Importações	US\$ 72,3 bilhões
Exportações para o Brasil	US\$ 117 milhões
Importações do Brasil	US\$ 751 milhões

Fonte: Divisão comercial do escritório econômico e cultural de Taipé.



À espera dos brasileiros

ALBERTO DE OLIVEIRA

BRASÍLIA — A pequena Ilha de Taiwan, a 20ª nação mais rica do mundo e a segunda em reservas estrangeiras (perde apenas para a Alemanha), está voltando sua atenção para a América Latina. O interesse estratégico é abrir mercados, competindo com outros tigres asiáticos — especialmente Cingapura, Tailândia e Malásia — para depender menos dos Estados Unidos e Japão. O Brasil, a Argentina, o Chile e o México são os países latino-americanos com

prioridade. "Mas os empresários brasileiros parecem ignorar a oportunidade de negócios criada", alerta o diretor do escritório comercial e cultural de Taipé (capital de Taiwan) em Brasília, Tomas Lee.

O governo de Taiwan tem um plano de desenvolvimento de seis anos, com aplicação de US\$ 303 bilhões em obras de infraestrutura. Lee afirma que empresários de Taiwan querem fazer joint ventures com brasileiros para produzir artigos de exportação e atuar também na China continental.

Incertezas não afetam modernização

CARLOS FRANCO

RIO — Apesar do quadro de incertezas quanto à inflação, mais de 900 empresas privadas entraram com pedidos de consulta para financiamento de projetos de modernização e ampliação no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) nos dois primeiros meses do ano.

Isso significa que as alterações na área econômica, incluindo a própria substituição de Antônio Barros de Castro por Luiz Carlos Delben Leite na presidência do BNDES, não afetaram o ritmo desses pedidos de consulta — o número se manteve praticamente inalterado em relação ao do ano passado.

O prazo entre a consulta e o desembolso para o projeto, se aprovado pelo BNDES, pode, no entanto, ultrapassar a um ano. O diretor do BNDES Sergio Zendron explicou que esse prazo é decorrente da análise detalhada de cada projeto e também porque a aprovação depende dos re-



Delben Leite

Banco recebeu cerca de 900 projetos em dois meses

ursos disponíveis.

No ano passado, por exemplo, as aprovações somaram US\$ 5,1 bilhões (Cr\$ 129 trilhões), enquanto os desembolsos totais foram de US\$ 3,3 bilhões (Cr\$ 83,9 trilhões).

Só os enquadramentos totalizaram US\$ 6,8 bilhões, mesmo valor das consultas efetuadas. Esses valores corresponderam a 6,4 mil consultas (7% acima de 1991), 5,6 mil enquadramentos (22% acima de 1991), 3,8 mil aprovações (32% acima de 1991) e 3,1 mil desembolsos (8% acima).

A indústria de transformação absorveu US\$ 1,65 bilhão do total de US\$ 3,3 bilhões desembolsados no ano passado, com destaque para o setor de papel e papelão (US\$ 399 milhões), metalurgia e siderurgia (US\$ 201 milhões), beneficiamento de produtos alimentícios (US\$ 194 milhões), química (US\$ 171 milhões) e bebidas (US\$ 119 milhões) — isoladamente, este foi o setor que mais recorreu ao BNDES para modernizar parques industriais.

O setor de serviços absorveu US\$ 1,13 bilhão do total desembolsado, enquanto a agropecuária ficou com US\$ 488 milhões e a indústria extrativa mineral, com US\$ 56 milhões.